

## **EPISTEMOLOGIA DA COMPREENSÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DE PAUL FEYERABEND PARA OS ESTUDOS DA COMPREENSÃO COMO MÉTODO**

**Pedro Debs Brito<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este artigo é um recorte da dissertação desenvolvida por esse autor na Faculdade Cásper Líbero que possui o seguinte título “COMUNICAÇÃO E COMPREENSÃO: Uma contribuição aos estudos da Compreensão como método”. Para este texto nos enveredaremos pelo pensamento de Paul Feyerabend em dois aspectos principais: a) o dogmatismo do método científico que é tido como o modo correto (e único) de se produzir conhecimento válido e b) sua proposta do anarquismo científico que é contrária a esse dogmatismo, possibilitando caminhos criativos para a produção da ciência. Ambas as perspectivas serão conciliadas com a proposta da Compreensão como Método.

**Palavras-chave:** Comunicação. Epistemologia da Compreensão. Método. Contra o Método. Anarquismo Científico.

### **Introdução**

De tantos saberes saborosos cozinhados durante a dissertação vamos recortar um aspecto que se demonstrou visceral: as contribuições teóricas de Paul Feyerabend, que parte de uma crítica ao dogmatismo científico e se deparou com a anarquia do método como fonte de criatividade para a produção da ciência, para os estudos do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão” sobre a Compreensão como Método. A história dessa pesquisa, desse modo, inicia com a própria dissertação “COMUNICAÇÃO E COMPREENSÃO: Uma contribuição aos estudos da Compreensão como Método”.

### **Sobre a Pesquisa**

A pesquisa teve por tema a epistemologia da Compreensão, calcada na ideia central de se compreender a Compreensão. Buscamos caminhos possíveis para a seguinte questão: como essa ideia se deixa explicitar a partir dos textos dos integrantes do GP? Ou, talvez, possa ser mais bem formulada da seguinte maneira: de que modos o grupo de pesquisa tem pensado a

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação da Instituição Faculdade Cásper Líbero. E-mail: pedro.debs@gmail.com.

Compreensão? E quais possibilidades epistêmicas, éticas e práticas a Compreensão nos permite pensar? Indo um pouco mais além: Martin Buber, Paulo Freire, Rubem Alves e Paul Feyerabend acompanham ou fortalecem a noção da Compreensão, nos moldes que estamos tratando? Qual a rede semântica dessa teoria da Compreensão?

Os questionamentos foram direcionados tendo como referência os seguintes objetivos: compreender a Compreensão: verificar como ela se deixa explicitar por meio do estudo das produções no interior do Mestrado em Comunicação da Cáspes Líbero. Um segundo objetivo é contribuir para com esse entendimento, na linha do projeto de pesquisa atual “A Compreensão como método”, com o estudo das contribuições de alguns autores, entre os que formam ou podem auxiliar na formação de uma base teórica para a compreensão da Compreensão por parte do grupo de pesquisa: Paul Feyerabend, Paulo Freire, Martin Buber e Rubem Alves. Foi feito, também, a sistematização dos estudos no campo da Compreensão, com foco nas buscas que o GP empreendeu no período de 2010 a 2015, ou seja, com os projetos “Conversando a gente se entende” (2010-2014) e “A Compreensão como método” (2015-2017). Por sistematização entende-se a recuperação, classificação e disponibilização de toda essa produção, na linha do objetivo seguinte, que é o da criação de um tipo de repositório para todos os textos produzidos pelos integrantes do grupo de pesquisas.

Os resultados alcançados apostam que os quatro autores estudados contribuem, e muito, para a noção da Compreensão como Método. Principalmente nos trilhos da intersubjetividade ou ética da Compreensão (calcada na base filosófica Eu-Tu, de Buber), da epistemologia (do ponto de vista de uma fortuna crítica à produção científica de dogmas e verdades) e da Compreensão na prática.

### **Feyerabend e o anarquismo científico contra o método**

Paul Karl Feyerabend (1924-1994) é austríaco nascido em Viena e teve como pai um funcionário público e como mãe uma costureira. Formado em teatro, física e filosofia, estudou diversas áreas do conhecimento como história e sociologia. Contudo, firmou principalmente seus estudos no ramo da filosofia da ciência. Espaço esse, onde ficou marcado por obras como as seguintes: *Contra o método* (1975), *A ciência em uma sociedade livre* (1978) e *Adeus*

à razão (1987). Sua vida e seus diversos trabalhos indicam uma alma bastante interrogativa e inquieta.

As teorias científicas são muitas, diversas, confusas e diferem muito, em alguns casos, umas das outras. Essa riqueza de possibilidade é fator determinante para o sucesso da humanidade no que concerne à epistemologia. Mais, como afirma Feyerabend (2003, p.64), “o pluralismo das teorias contribui para o engrandecimento da perspectiva humanitarista”. A ideia de “metodologia pluralista” a que Feyerabend (2003, p.65) se refere, aparece principalmente no escrito de John Stuart Mill intitulado *On Liberty* (1961).

Aliás, Mill é uma referência bastante forte para Feyerabend no que toca a ideia de pluralidade, como indicado por Isaza (2014, p.88): apesar da preferência de Mill pelo termo “variedade de situações”, no lugar de pluralidade, ambos os pensadores estão se referindo ao mesmo significado, porém com dois significantes diferentes. Nas palavras de Isaza (2014, p.92): “comparemos nuevamente a Feyerabend con Mill: ‘el mayor número posible de alternativas’, como lã llama Feyerabend para hacer posible la formación de una opinión útil, es, en Mill, ‘la variedad de situaciones’ para desenvolver el espíritu humano”. Mais à frente, Isaza (2014, p.92) conclui que Mill “fue la principal influencia en el pensamiento de Feyerabend”.

Toda teoria, por mais plural que sejamos, tem seus limites. Precisamente porque toda metodologia tem também seu limite. Mas, além desse argumento já conhecido, Feyerabend (2003, p.67) diz que a teoria, também, jamais estará “de acordo com todos os fatos conhecidos em seu domínio”. Talvez no mundo da Física seja mais fácil compreender esse argumento: a teoria da mecânica clássica de Newton não se encaixa como uma luva para os fenômenos muito pequenos. Para tais dimensões minúsculas foi elaborada a física quântica. Pois bem, a própria física quântica, também não se dá muito bem quando vai tentar explicar o terreno físico de proporções humanas (movimento dos carros, movimento dos planetas, etc). Temos, nesse sentido, duas teorias que ajudam a explicar muitos fenômenos, mas que, de um lado e do outro, não dão conta de dar uma única resposta consistente para todas as perguntas.

Ainda assim, mesmo que algumas teorias não consigam explicar quase nada (ou nada mesmo), “isso não é razão para desconsiderá-la” (Feyerabend, 2003, p.73). O problema, não reside na ação de não-descartar a teoria A, ou a teoria B, mas, nas palavras de Feyerabend,

quando conservamos “a teoria e tenta-se esquecer suas deficiências” (Feyerabend, 2003, p.73).

Outro problema, raramente comentado na história da ciência é o de que, em muitas vezes, o cientista recebe a função de ocultar as deficiências de uma teoria por meio de hipóteses e aproximações *ad hoc*, ou por outros procedimentos. Isso é feito para que a ciência possa realizar o milagre de “oferecer-nos teorias de grande beleza e sofisticação” (Feyerabend, 2003, p.78-79). O que nos leva ao próximo passo dessa empreitada epistêmica: “Praticamente nenhuma teoria é *consistente com os fatos*. A exigência de admitir apenas as teorias que sejam consistentes com os fatos disponíveis e aceitos deixa-nos (...), sem teoria alguma”, o que, por sua vez, nos leva à “ciência tal como a conhecemos” que, só “pode existir se abandonarmos também essa exigência e mais uma vez revisarmos nossa metodologia, *admitindo agora a contraindução, além de admitir hipóteses não fundadas*” (Feyerabend, 2003, p.80).

Bem, fato é que, muitas vezes alcançamos os limites de uma teoria, mesmo sem saber, e aí quando começamos a nos questionar e elucubrar o que está após a marcação que não conseguimos atravessar, percebemos que para se chegar a alguma resposta no mínimo satisfatória, teríamos de utilizar métodos contra-indutivos, bem como, hipóteses sem pé nem cabeça. Nos raros casos em que “os argumentos parecem ter efeito, isso se deve com mais frequência à sua repetição física do que a seu *conteúdo semântico*” (Feyerabend, 2003, p.39), ou seja, a aceitação de uma nova teoria se dá mais pela repetição exaustiva de tentar e tentar e tentar provar alguma nova teoria do que pelo conteúdo produzido pelo cientista.

Até aqui, esboçamos algumas linhas principais que, se pensadas todas juntas, dão fortes indícios da filosofia da ciência que Feyerabend construiu em seu texto. Agora vamos amarrar melhor a ideia de contra o método.

Os princípios do racionalismo crítico (leve os falseamentos a sério; aumente o conteúdo; evite hipóteses *ad hoc*, ‘seja honesto’ – seja lá o que for que *isso* signifique; e assim por diante), do empirismo lógico (seja preciso; baseie sua teoria em medições; evite ideias vagas e não testáveis; e assim por diante) embora praticados em áreas especiais, apresentam uma explicação inadequada do desenvolvimento passado da ciência como um todo e são propensos a estorvá-la no futuro. E essa explicação inadequada se dá, nas palavras de

Feyerabend (2003, p.207-208), “porque a ciência é muito mais ‘descuidada’ e ‘irracional’ que sua imagem metodológica. E são propensos a estorvá-la porque a tentativa de tornar a ciência mais ‘racional’ e mais precisa acaba, como vimos, por eliminá-la”. Porém, a ciência, como um produto do ser humano, possui a habilidade de falhar, errar.

Mas sem pânico, pois “esses ‘desvios’, esses ‘erros’, são precondições do progresso”, alerta Feyerabend (207-208), na medida em que, como continua o autor: Permitem que o conhecimento sobreviva no mundo complexo e difícil que habitamos, permitem que *nós* permaneçamos agentes livres e felizes. Termina por concluir que

Sem caos, não há conhecimento. Sem um frequente abandono da razão, não há progresso. Ideias que na atualidade formam a própria base da ciência existem apenas porque houve coisas como preconceito, presunção, paixão [ou seja, humanidade]; porque essas coisas *opuseram-se à razão*; e porque se *lhes permitiu fazerem o que quissem*. Temos, então, de concluir que, *mesmo no interior* da ciência, não se pode e não se deve permitir que a razão seja abrangente, e que ela, com frequência, precisa ser posta de lado, ou eliminada, em favor de outros instrumentos. Não há uma única regra que permaneça válida em todas as circunstâncias, nem um único meio a que se possa sempre recorrer (Feyerabend, 2003, p.207-208)

Essa postura de Feyerabend para com a ciência, cai como uma luva para os nossos estudos sobre epistemologia da Compreensão. O pensamento compreensivo parte do mesmo pressuposto: não é a falsa-Razão<sup>2</sup> a rainha do mundo, portanto, não devemos ouvi-la todas as vezes que tivermos um problema. Um caminho mais apropriado é o da pluralidade dos saberes. Pois, a partir dele, conseguimos ter diversos insumos que nos auxiliam a alcançar algum objetivo ou tentar formular melhores perguntas para os nossos problemas.

O filósofo (Feyerabend, 2003, p.203) se questiona: “não é possível que uma abordagem objetiva”, pautada pela razão e “que desaprove ligações pessoais entre as entidades examinadas, venha a causar danos às pessoas, transformando-as em mecanismos miseráveis, inamistosos e hipócritas, sem charme nem humor?” E, então, coloca a questão nas palavras de Kierkegaard: “não é possível que minha atividade como observador objetivo da natureza venha a enfraquecer minha força como ser humano?”, a resposta para essa pergunta, como Feyerabend suspeita (2003, p. 203), é afirmativa, uma vez que acredita “ser urgentemente necessária uma reforma das ciências que as torne mais anárquicas e mais

---

<sup>2</sup> A falsa-Razão, foi apontada por Morin pela seguinte característica mais marcante: uma ciência que traveste a razão dialógica, aberta e fértil em deusa-Razão: fechada, que exclui, mutila e empobrece o homem ao retirar dele outras cognições e fruições cognitivas.

subjetivas (no sentido de Kierkegaard)”. Em outras palavras, o que Feyerabend propõe para nós é que devemos adicionar pitadas de subjetividade ao mundo objetivo da ciência. Subjetividade no sentido de se levar em conta aspectos humanos que muitas vezes são desconsiderados na esfera da produção científica.

É importante para o desenvolvimento da ciência e de suas teorias, que dentro desse campo existam “pessoas que sejam adaptáveis e inventivas, não rígidos imitadores de padrões comportamentais ‘estabelecidos’” (Feyerabend, 2003, p.210). Pois é necessário resiliência para fazer ciência, ainda mais quando existem enunciados científicos “legítimos que violam regras lógicas simples (...) [por exemplo] ‘ele se move no espaço, mas não muda de lugar’” (Feyerabend, 2003, p.252).

Essas lacunas e contradições vêm de aspectos humanos, ou seja, vem de dentro de nós mesmos: “a ignorância, a teimosia, o basear-se em preconceitos, a mentira, longe de impedirem o avanço do conhecimento, podem realmente ser-lhe de auxílio”, diz Feyerabend (2003, p.254), do mesmo modo, continua: “as virtudes tradicionais de exatidão, consistência, ‘honestidade’, respeito pelos fatos, conhecimento máximo sob dadas circunstâncias, se praticadas com determinação, podem levá-lo a uma paralisação” (Feyerabend, 2003, p.254). Não é porque o estômago da ciência não digeriu a teimosia como um método possível, que ela nunca será útil para resolver problemas da ciência. Aliás, o que Feyerabend é justamente o oposto: na maioria das vezes grandes quebras de paradigma aconteceram justamente porque fugimos do nosso lado racional, que mede e é exato, para ir de encontro com lados mais subjetivos – nos termos acima vistos. Então, que, “nem a ciência nem a racionalidade são medidas universais de excelência completa” Feyerabend (2003, p.273).

“A ciência não é uma tradição isolada nem a melhor tradição que há”, começa a nos contar Feyerabend (2003, p.303), “exceto para aqueles que se acostumaram com sua presença, seus benefícios e suas desvantagens. Em uma democracia, deveria ser separada do Estado exatamente como as igrejas ora estão dele separadas”. A separação da ciência do Estado diz respeito à crítica feita por Feyerabend de que os cientistas agem dentro de sua instituição da mesma maneira – guardadas as proporções – que os clérigos, monges, etc, nas instituições regidas pela fé. Ou seja, pregam uma verdade para o mundo inteiro, sem aceitar a possibilidade de sua proposição estar errada. Forçar uma visão sobre os assuntos está muito

longe da liberdade procurada por Feyerabend. E o papel do Estado, aos seus olhos, é o de proporcionar o acesso à pluralidade e as diversas variações do conhecimento. Por os cidadãos, então, para conversarem com diversos e distintos saberes.

### **Contribuições para a Compreensão como método**

“Por que deveria ser o conhecimento mostrado na vestimenta da prosa e do raciocínio acadêmicos?”, questiona Feyerabend (2003, p.335). Essa pergunta nos deixa com tantas pulgas atrás da orelha, que mal sabemos por onde começar... Mas, no caminho encontramos algumas pistas. Em artigo escrito por Künsch e Carraro (2012b, p.33), os autores consideram justo o desânimo dos estudantes de comunicação, quando tentados com os sabores teóricos e epistemológicos em forma de livros e textos para serem lidos, pois “a nata de sua produção científica, não atrai”, afinal de contas seus textos são chatos. “Via de regra”, completa Alves (2012, p.58), “a refeição acadêmica termina em vômito ou diarreia. O engolido é esquecido”.

Mas por que não apostar em outras linguagens para expressar o conhecimento científico? E não é que queremos jogar no lixo toda uma história do pensamento lógico e racional. Do contrário, como Künsch e Carraro expõem (2012b, p.35), o pensamento compreensivo defende “que rigor, conceitos, razão, lógica, pensamento abstrato e seus congêneres” que se encontram espalhados aos montes pelo campo da ciência, “podem também ser entendidos, apresentados e representados de diferentes modos, sem cadeias ou camisas-de-força. Podem ser contemplados em sua fertilidade, em suas promessas de dialogia possível”. Dentro do campo da comunicação parece bastante complicado pensar uma comunicação que não se comunica, ou que, quando o faz, acaba por zinear todos os significados. Imaginemos, agora, no campo do conhecimento como um todo: um conhecimento que não se comunica e/ou que se comunica muito mal.

Nesse sentido que Feyerabend, Alves, Künsch e Carraro vão apostar, cada um a seu modo, em maneiras de se comunicar o pensamento. Alves, por exemplo, demonstra em sua filosofia o papel e a importância do corpo, muitas vezes deixado de fora das conversas sobre o conhecimento. Feyerabend, com postura parecida, pensa ser necessário abrir o conhecimento para que todos consigam produzir e, assim, tentar se diminuir as discrepâncias das linguagens (do mundo das ciências com relação ao mundo comum). Künsch e Carraro têm sua aposta no

ensaio. Escrever de maneira ensaística é ter como ponto de partida que todo pensamento é só uma tentativa de compreensão da realidade e, como a própria palavra diz: ensaiar uma compreensão do mundo não é uma busca pela resposta derradeira, que resolverá todos os problemas do homem. Ensaiar indica nada mais, nada menos, que uma maneira de interpretar os fenômenos que nos são apresentados.

Na história das ciências, como vimos com Feyerabend (2003, p.156), constantemente a sobrevivência de ideias e teorias – que hoje estão de acordo com a razão – se deve por conta de fatores subjetivos (paixão, vaidade, preconceito, erros, teimosia...) que “opuseram-se aos ditames da razão e porque se permitiu que esses elementos irracionais agissem à sua maneira”. O que acontece é que muitas vezes na história do conhecimento foi necessário se esquecer das regras do jogo científico e burlar o objetivismo racional com fins à resposta que melhor auxilie com a explicação de determinado fenômeno. É importante deixar claro, novamente, que Feyerabend não é contra a ciência. Em uma nota de rodapé, Feyerabend (2003, p.163) explica sua posição e seus comentários críticos, dizendo que se refere “à interferência filosófica de mentalidade estreita e a uma extensão de mentalidade estreita das últimas modas científicas a todas as áreas do empreendimento humano” o problema da não-evolução da ciência.

Fazer a ciência evoluir, no entendimento de Feyerabend é usar o método do anarquismo científico, ou seja, fazer uso daquilo que as redes da ciência não foram capazes de colher. Noção essa que se reconhece na Compreensão, só que em outros termos: “por que desistir de imaginar uma prática cognitiva apta a pensar a razão e a não-razão, o conceito e o não-conceito, o conhecimento e a vida, a coisa e seu contrário, a verdade e o erro, a teoria A com a teoria B, complexa e compreensivamente?” (Künsch, 2012a, p.23). As apostas de Feyerabend, como vimos, são sempre pautadas pela abertura e, muito raramente, pelo fechamento. Isso acontece muito por causa de sua crítica ao *modus operandi* da ciência de sua época.

Outro aspecto importante das ideias de Feyerabend é com relação ao que ele chamou de “conhecimento comum”. Os cientistas qualificados em determinadas áreas são capazes de responder a todos os problemas propostos sem sair de sua própria área de conhecimentos?

Creio que isso seja impossível. Os problemas aos quais os cientistas buscam respostas não são simples, mas complexos. Então

A objeção de que os cidadãos não têm a competência de um especialista para julgar assuntos científicos não leva em conta que problemas importantes frequentemente cruzam os limites de várias ciências, de modo que os cientistas em cada uma dessas ciências também não têm as qualificações necessárias (Feyerabend, 2003, p.318).

Apesar disso, é fato que poderiam ser melhoradas as competências do público comum por meio de uma “educação que expusesse a falibilidade dos especialistas, em vez de agir como se ela não existisse” (Feyerabend, 2003, p.318). Pois, continua Feyerabend (2003, p.332), “uma pessoa tentando resolver um problema, seja na ciência, seja em outro campo, deve ter liberdade completa e não pode ser restringida por nenhuma exigência ou norma”. Liberdade completa só será alcançada com determinados investimentos na educação desses sujeitos. Não para uma educação “conscientizadora” e, sim, para uma educação que traga para os espaços comuns visões tanto da ciência quanto de outros saberes.

Feyerabend (2003, p.333) traz o seguinte exemplo para contribuir com essa conversa: Surge um problema. Nada é feito a respeito dele. As pessoas ficam preocupadas. Os políticos disseminam essa preocupação. Chamam-se os especialistas. Eles desenvolvem teorias e planos baseados nelas”, então, continua o autor, “grupos de poder, dispondo de seus próprios especialistas, efetuam várias modificações até que uma versão aguada é aceita e efetivada. O papel de especialistas nesse processo cresceu gradualmente”. A situação, agora, é a seguinte: “teorias sociais e psicológicas do pensamento e ação humana tomaram o lugar desse próprio pensamento e ação” e, no lugar de perguntar “às pessoas que estão envolvidas em certa situação problemática, os promotores de desenvolvimento, educadores, tecnólogos e sociólogos obtêm sua informação sobre” o que a população realmente quer e precisa, vai continuar Feyerabend, “de estudos teóricos executados por seus estimados colegas naquilo que eles pensam serem os campos relevantes. Não se consultam seres humanos, mas modelos abstratos; não é a população-alvo que decide, mas os produtores dos modelos”.

E, então, podemos chegar à sua máxima: “procedimentos intelectuais que abordam um problema por meio de conceitos estão no caminho errado” (Feyerabend, 2003, p.334-335). Os conceitos a que se refere, são as ideias não problematizadas, não contextualizadas. E, nesse

caso, ao invés de consultar aqueles que serão realmente impactados por determinadas ações, são consultadas as pessoas que criam os modelos que serão repetidos *ad nauseam*.

Então que Feyerabend (2003, p.33) diz que “a educação científica tal como hoje a conhecemos tem precisamente esse objetivo”, objetivo esse que busca a simplificação da ciência por meio da “simplificação de seus participantes: primeiro: define-se um campo de pesquisa. Esse campo é separado do restante da história (...) e recebe uma ‘lógica’ própria”. Essa lógica é uma hiperespecialização – nos termos de Morin (2001) – e, também, um condicionamento que “torna suas *ações* mais uniformes e também congela grandes porções do *processo histórico*. (...). Sua imaginação é restringida, e até sua linguagem deixa de ser sua própria” (Feyerabend, 2003, p.33-34). Isso quer dizer que os que estudam ciência são impelidos a reduzirem suas visões de mundo, simplificarem sua extensa e complexa bagagem cultural e de conhecimento, a fim de reduzir as possíveis revoluções no campo científico. O controle do pensamento, que enxerga Feyerabend existir por meio da educação científica, visa, dessa forma, congelar o processo histórico no qual a ciência está inserida.

Desse modo, na história da ciência o “intercâmbio livre, ‘objetivo’ e puramente intelectual que os racionalistas disseram ser”, comenta Feyerabend (2003, p.171), nunca aconteceu dentro dos processos de produção e distribuição de conhecimento.

### **Considerações finais**

Essas considerações são finais apenas no nome, pois o esforço cognitivo que embasa tal discussão deu apenas início a uma longa caminhada no percurso do conhecimento. Aqui, a nossa proposta é delinear tão somente as primeiras impressões que tivemos ao aproximar e relacionar as ideias de Feyerabend com a Compreensão.

Como pudemos observar, Feyerabend questiona, de maneira veemente, os processos de produção do conhecimento científico contemporâneos e indica que, por meio de uma epistemologia anárquica, é que a ciência deu grandes passos em sua história. Ou seja, foi por conta da teimosia, de erros nas contas, de descuidos dentro dos laboratórios, enfim, por não seguir o método científico, muito das vezes, que os cientistas descobriram coisas relevantes em suas pesquisas.

A anarquia do método, como apontada por Feyerabend, funciona como um agente responsável por solapar a autoridade da Razão (quando esta se veste como imperatriz do reino do conhecimento) e libertar os cientistas dos dogmas que sua profissão desenvolveu. Mas, como vimos em Isaza, essa mesma anarquia é somente uma das faces da proposta metodológica que Feyerabend desenvolveu. A outra face, que também muito interessa à Compreensão, é a pluralidade de alternativas teórico-práticas buscada por Feyerabend, que tem seu paralelo com a “variedade de situações” que Mill compreende como necessária para o desenvolvimento do espírito humano.

Os esforços científicos empreendidos neste artigo, bem como na dissertação, teceram e fortaleceram um diálogo bastante importante para o campo de estudos da Compreensão como método. A pesquisa não terá fim aqui, continuando a caminhada pelos trajetos do pensamento de matriz compreensivo.

## Referências

- ALVES, Rubem **Entre a ciência e a sapiência**. O dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BRITO, Pedro Debs. **Comunicação e Compreensão**: uma contribuição aos estudos da Compreensão como método. (Dissertação). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2015.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. **Libero**. v. 15, n. 29, junho 2012b, pp. 33-42.
- \_\_\_\_\_. O saber da ternura e a epistemologia da comunicação. In: COELHO, Claudio Novaes P.; KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José Eugenio de O. **Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias**. São Paulo: Plêiade, 2012a.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.
- ISAZA, Juan David Londoño. **Ciencia, libertad y formación ciudadana**. Un estudio sobre Paul Feyerabend. (Dissertação) Instituto de Filosofía da Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, 2014.